



OS PREJUÍZOS DO DIAGNÓSTICO TARDIO EM MULHERES AUTISTAS

THE HARMFUL EFFECTS OF LATE DIAGNOSIS IN AUTISTIC WOMEN

LOS EFECTOS NOCIVOS DEL DIAGNÓSTICO TARDÍO EN MUJERES AUTISTAS

 <https://doi.org/10.56238/levv16n54-146>

Data de submissão: 26/10/2025

Data de publicação: 26/11/2025

Alyce Ribeiro Carvalho
Graduanda em Enfermagem
Instituição: Afya Faculdade Porto Nacional
Endereço: Tocantins, Brasil
E-mail: Alyceribeiro770@gmail.com

Marília Gabriela Silva Tavares
Graduanda em Enfermagem
Instituição: Afya Faculdade Porto Nacional
Endereço: Tocantins, Brasil
E-mail: tmarilia215@gmail.com

Kiria Vaz da Silva Hamerski
Docente Curso Superior de Enfermagem
Instituição: Afya Faculdade Porto Nacional
Endereço: Tocantins, Brasil
E-mail: Kiriaenfermeira@gmail.com

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta manifestações heterogêneas que variam em intensidade e forma de expressão. Em mulheres, o diagnóstico tende a ser tardio devido a fatores como camuflagem social, estereótipos de gênero e limitações dos instrumentos diagnósticos, historicamente baseados em padrões masculinos. **Metodologia:** Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, realizada em bases de dados nacionais e internacionais entre 2015 e 2024, com seleção de artigos, dissertações e relatórios institucionais que abordaram especificamente o impacto do diagnóstico tardio em mulheres com TEA. **Resultados:** Os estudos apontaram que muitas mulheres autistas são diagnosticadas apenas na vida adulta, após trajetórias marcadas por sofrimento psíquico, isolamento, ansiedade, depressão e baixa autoestima, além de prejuízos acadêmicos e profissionais decorrentes da falta de suporte precoce e de diagnósticos incorretos prévios. **Discussão:** Observou-se que o diagnóstico tardio reflete um viés de gênero nas práticas clínicas, sendo a camuflagem social o principal fator que dificulta a identificação do autismo feminino. Tal invisibilidade acarreta danos emocionais e sociais que poderiam ser minimizados por uma abordagem diagnóstica mais sensível às expressões femininas do espectro. **Considerações Finais:** Conclui-se que a identificação precoce do TEA em mulheres é essencial para promover intervenções adequadas, apoio psicossocial e melhoria da qualidade de vida. Reforça-se a necessidade de capacitação profissional e de políticas públicas inclusivas que contemplam as especificidades do autismo feminino.

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico Tardio. Gênero. Mulheres. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) presents heterogeneous manifestations that vary in intensity and form of expression. In women, diagnosis tends to occur late due to factors such as social camouflaging, gender stereotypes, and diagnostic tools historically based on male patterns. **Methodology:** This study is a narrative literature review carried out in national and international databases between 2015 and 2024, selecting articles, dissertations, and institutional reports that specifically addressed the impact of late diagnosis in women with ASD. **Results:** The studies indicated that many autistic women are diagnosed only in adulthood, after trajectories marked by psychological distress, isolation, anxiety, depression, and low self-esteem, in addition to academic and professional losses resulting from the absence of early support and previous misdiagnoses. **Discussion:** It was observed that late diagnosis reflects a gender bias in clinical practice, with social camouflaging being the main factor that hinders the identification of female autism. Such invisibility causes emotional and social harm that could be minimized by more gender-sensitive diagnostic approaches. **Final Considerations:** It is concluded that early identification of ASD in women is essential to promote appropriate interventions, psychosocial support, and improved quality of life. The need for professional training and inclusive public policies that address the specificities of female autism is reinforced.

Keywords: Autism. Autism Spectrum Disorder. Gender. Late Diagnosis. Women.

RESUMEN

Introducción: El Trastorno del Espectro Autista (TEA) presenta manifestaciones heterogéneas que varían en intensidad y forma de expresión. En las mujeres, el diagnóstico tiende a ser tardío debido a factores como el camuflaje social, los estereotipos de género y las limitaciones de los instrumentos diagnósticos, históricamente basados en patrones masculinos. **Metodología:** Este estudio se caracteriza por ser una revisión narrativa de la literatura, realizada en bases de datos nacionales e internacionales entre 2015 y 2024, seleccionando artículos, tesis e informes institucionales que abordaron específicamente el impacto del diagnóstico tardío en mujeres con TEA. **Resultados:** Diversos estudios han demostrado que muchas mujeres autistas son diagnosticadas solo en la edad adulta, tras trayectorias marcadas por el sufrimiento psicológico, el aislamiento, la ansiedad, la depresión y la baja autoestima, además de dificultades académicas y profesionales derivadas de la falta de apoyo temprano y diagnósticos previos incorrectos. **Discusión:** Se observó que el diagnóstico tardío refleja un sesgo de género en la práctica clínica, siendo el camuflaje social el principal factor que dificulta la identificación del autismo femenino. Esta invisibilidad conlleva daños emocionales y sociales que podrían minimizarse mediante un enfoque diagnóstico más sensible a las expresiones femeninas del espectro. **Consideraciones finales:** Se concluye que la identificación temprana del TEA en mujeres es esencial para promover intervenciones adecuadas, apoyo psicosocial y una mejor calidad de vida. Se refuerza la necesidad de formación profesional y políticas públicas inclusivas que aborden las especificidades del autismo femenino.

Palabras clave: Autismo. Diagnóstico Tardío. Género. Mujeres. Trastorno del Espectro Autista.



1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se refere a uma condição relacionada ao desenvolvimento do cérebro, marcada por desafios na interação social e por atitudes repetitivas e limitadas, aparecendo em várias intensidades. No decorrer da história, os parâmetros para diagnóstico foram desenvolvidos a partir de pesquisas realizadas com grupos majoritariamente masculinos, o que levou a um reconhecimento insuficiente ou a um diagnóstico atrasado em mulheres, particularmente em relação àquelas que apresentam níveis mais discretos de apoio (nível 1 do DSM-5). Recentemente, pesquisas têm mostrado que os sinais de autismo em mulheres muitas vezes aparecem de maneira mais discreta, encobertos por táticas sociais que podem ser involuntárias ou deliberadas para se ajustarem ao ambiente, tornando o seu diagnóstico inicial mais complicado (Miranda e Chagas, 2024).

A invisibilidade do autismo feminino não é apenas uma questão clínica, mas também social e cultural. Gênero, estereótipos comportamentais e expectativas sociais moldam a forma como o comportamento das mulheres é interpretado — muitas vezes como timidez, sensibilidade ou introspecção, em vez de traços autísticos (Rosa, 2023). Isso faz com que muitas meninas e mulheres passem por um percurso de sofrimento silencioso, marcado por diagnósticos errôneos, como depressão, transtornos de ansiedade ou de personalidade, até finalmente receberem o diagnóstico de TEA na vida adulta (Soares et al., 2023).

Este estudo visa explorar os impactos negativos resultantes da identificação tardia do autismo em mulheres, através de uma avaliação crítica das pesquisas científicas atuais relacionadas ao assunto. As pesquisas examinadas mostram efeitos consideráveis na saúde emocional, na formação da identidade, nas interações sociais e na carreira dessas mulheres. Entre as consequências mais frequentes estão: inquietação, tristeza profunda, sensações de incapacidade, autolesão, falta de amor-próprio e dificuldade de se sentir parte de um grupo (Teixeira, 2023; Ritzmann et al., 2024).

Além dos impactos emocionais e sociais, o diagnóstico tardio afeta diretamente o acesso ao suporte clínico adequado, à construção da autoimagem e às possibilidades de adaptação nos contextos educacional, familiar e laboral. Estudos qualitativos apontam que o momento do diagnóstico, ainda que tardio, é frequentemente experienciado como um ponto de inflexão subjetiva, promovendo autoconhecimento, alívio e reconfiguração da própria história (Scalcon, Cordeiro & Marcolino Galli, 2024).

A questão central deste estudo é: quais os maiores danos vivenciados por mulheres autistas que recebem o diagnóstico tarde, e de que maneira os elementos sociais, culturais e clínicos influenciam esse atraso no diagnóstico? Essa indagação surge da urgência de entender não somente as consequências do diagnóstico tardio, mas também os processos que o mantêm.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os prejuízos psicossociais e clínicos do diagnóstico tardio de TEA em mulheres, à luz da produção científica recente. Como objetivos específicos,



pretende-se: (1) identificar os principais fatores que dificultam o diagnóstico precoce em mulheres; (2) descrever os impactos emocionais e sociais vivenciados antes e após o diagnóstico; e (3) discutir possíveis caminhos para um reconhecimento mais precoce e sensível ao gênero.

Este trabalho é fundamentado pela importância social e terapêutica do assunto, uma vez que a demora na identificação afeta a qualidade de vida de uma parte significativa das mulheres diagnosticadas com autismo. Ao abordar essa temática, pretende-se auxiliar na melhoria de métodos diagnósticos que sejam mais inclusivos e na elaboração de políticas públicas e intervenções terapêuticas que levem em conta as particularidades de gênero dentro do espectro autista.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico, fundamentada na avaliação crítica de publicações científicas recentes que abordam o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres e seus impactos psicossociais. O objetivo foi identificar, sistematizar e interpretar os principais achados de pesquisas realizadas entre 2020 e 2025, com foco nas consequências emocionais, sociais e profissionais do diagnóstico obtido apenas na vida adulta.

A investigação foi conduzida em ambiente virtual, com consultas a bases de dados nacionais e internacionais — SciELO, PubMed, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Repositórios Institucionais e periódicos acadêmicos reconhecidos, como os da UNIFESP, PUC-SP e SEER UFRGS.

Os critérios de inclusão adotados foram:

- (1) publicações em português ou com tradução disponível;
- (2) estudos com foco explícito no diagnóstico tardio de TEA em mulheres;
- (3) artigos publicados entre 2020 e 2025; e
- (4) pesquisas com metodologia claramente definida e aplicabilidade para análise crítica.

Foram excluídos trabalhos que abordavam o autismo de forma genérica ou sem distinção de gênero.

A amostra final foi composta por oito artigos científicos selecionados por sua relevância acadêmica, atualidade e contribuição direta ao tema. Os textos contemplam diferentes tipos de abordagem metodológica, incluindo: estudos qualitativos com entrevistas (Teixeira, 2023; Casagrande, 2025; Scalcon, Cordeiro & Marcolino Galli, 2024), revisões integrativas (Miranda & Chagas, 2024; Fernandes et al., 2025), revisão narrativa (Ritzmann de Lima et al., 2024), revisão de escopo (Soares et al., 2023) e revisão teórica (Rosa, 2023). Essa diversidade metodológica favoreceu uma análise multidimensional do fenômeno, contemplando aspectos clínicos, emocionais, sociais e culturais.

O procedimento de análise foi conduzido de forma gradual e articulada, iniciando-se com uma leitura exploratória e seleção dos textos mais alinhados ao tema proposto. Em seguida, realizou-se uma



leitura analítica e interpretativa, voltada à identificação das principais categorias temáticas emergentes, o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada das abordagens e conclusões apresentadas nos estudos. Por fim, procedeu-se à sistematização comparativa dos dados, buscando reconhecer padrões, convergências e divergências entre as pesquisas analisadas. A partir desse processo, emergiram três categorias centrais de análise: os fatores que dificultam o diagnóstico precoce em mulheres; os impactos emocionais e sociais decorrentes do diagnóstico tardio; e os efeitos positivos do diagnóstico sobre o autoconhecimento e a adaptação.

Do ponto de vista ético, por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, baseada em fontes públicas e devidamente referenciadas, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. Todas as normas éticas e acadêmicas foram observadas, assegurando a citação adequada das autoras e autores conforme as diretrizes da ABNT NBR 6023:2018.

Em síntese, a metodologia adotada possibilitou uma análise crítica, sistemática e contextualizada da produção científica recente sobre o diagnóstico tardio do TEA em mulheres, contribuindo para ampliar a compreensão dos prejuízos acumulados e das implicações clínicas e sociais desse fenômeno, sob uma perspectiva interseccional e de gênero.

3 RESULTADOS

A análise dos oito estudos selecionados revelou um conjunto recorrente de desafios enfrentados por mulheres diagnosticadas tarde com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente durante a adolescência e a idade adulta. De modo geral, as publicações convergem ao apontar prejuízos em três esferas interligadas: emocional, social e profissional.

No campo psicoemocional, observou-se a presença frequente de sentimentos de inadequação, confusão identitária e sofrimento subjetivo acumulado. As mulheres relatam uma trajetória marcada pela autocritica excessiva e pelo esforço constante de se adequar a normas sociais que lhes são extenuantes. Essa sobrecarga emocional é intensificada pela ausência de um diagnóstico precoce, que poderia ter favorecido o reconhecimento de suas necessidades e a oferta de suporte adequado.

Em relação à dimensão social, os estudos destacam a experiência de isolamento, rupturas em vínculos afetivos e a dificuldade de manter relacionamentos autênticos. O fenômeno da camuflagem social — ou masking — aparece como um dos principais mecanismos utilizados por mulheres autistas para disfarçar seus traços em contextos de convivência, o que leva à exaustão emocional e à perda de autenticidade.

No aspecto profissional e acadêmico, verificou-se que o diagnóstico tardio repercute em trajetórias marcadas por instabilidade e desmotivação. A ausência de reconhecimento das particularidades autísticas na escola e no trabalho resulta em barreiras de desempenho e de adaptação, afetando o bem-estar e a produtividade. Após o diagnóstico, contudo, os estudos relatam um processo



de reconstrução identitária e de autoaceitação, com impactos positivos na autoestima e no planejamento de vida.

Em síntese, os resultados indicam que o diagnóstico tardio não se limita a uma falha no reconhecimento clínico, mas se traduz em um ciclo de perdas cumulativas, que se estendem da infância à vida adulta e atravessam dimensões emocionais, relacionais e profissionais.

4 DISCUSSÃO

Os achados deste estudo bibliográfico confirmam a presença de um viés de gênero nos processos diagnósticos do TEA, o que explica a recorrência do diagnóstico tardio entre mulheres. A camuflagem social, descrita por Miranda e Chagas (2024) e por Scalcon et al. (2024), é o elemento central que contribui para essa invisibilidade clínica, permitindo que mulheres autistas reproduzam comportamentos neurotípicos, ainda que com elevado custo emocional.

Essas conclusões corroboram pesquisas internacionais (Kim; Lee; Park, 2023) e nacionais (Rosa, 2023; Casagrande, 2025) que apontam que os critérios diagnósticos tradicionais foram construídos com base em perfis masculinos, o que gera interpretações distorcidas dos sinais apresentados por mulheres. A consequência é o atraso no acesso a intervenções adequadas, além de anos de sofrimento subjetivo não reconhecido.

Do ponto de vista interpretativo, os resultados sugerem que o diagnóstico tardio atua como um marco de reorganização identitária. Após o reconhecimento do TEA, as mulheres tendem a reinterpretar suas trajetórias sob uma nova perspectiva, ressignificando experiências passadas e reconhecendo suas estratégias de sobrevivência. Estudos como os de Giraldi (2025) e Soares et al. (2023) evidenciam que abordagens terapêuticas mais empáticas — como o psicodrama bipessoal e terapias focadas na identidade — podem auxiliar nesse processo de reconstrução emocional.

Além disso, os resultados reforçam que o autismo feminino precisa ser compreendido a partir de uma abordagem interseccional, que leve em conta gênero, contexto social e experiências de exclusão. O reconhecimento dessas especificidades é fundamental para o aprimoramento das práticas diagnósticas, para a formação de profissionais e para a elaboração de políticas públicas inclusivas.

Dessa forma, este estudo amplia a literatura existente ao oferecer uma síntese crítica da produção científica recente (2020–2025), ressaltando que o diagnóstico tardio do TEA em mulheres não é apenas uma questão médica, mas também social, emocional e identitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar os prejuízos decorrentes do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres, a partir da análise de publicações científicas recentes, compreendidas entre os anos de 2020 e 2025. Por meio de uma pesquisa bibliográfica de



caráter qualitativo e descritivo-analítico, buscou-se compreender de que forma o atraso no diagnóstico influencia aspectos emocionais, sociais e profissionais da vida de mulheres autistas.

Os resultados obtidos permitiram responder de forma clara ao problema inicialmente proposto, confirmando as hipóteses que orientaram a investigação. Evidenciou-se que o diagnóstico tardio de TEA em mulheres está profundamente relacionado à camuflagem social (masking) e aos vieses de gênero presentes nos protocolos clínicos tradicionais, que foram historicamente formulados com base em padrões masculinos. Essa constatação ampliou a compreensão sobre o tema ao demonstrar que o atraso diagnóstico não é apenas uma questão de tempo, mas de invisibilidade estrutural e epistemológica, que compromete tanto a identificação precoce quanto o acesso a intervenções adequadas.

As análises mostraram ainda que as consequências do diagnóstico tardio se manifestam em diferentes dimensões da vida das mulheres, especialmente nas esferas psicoemocional, social e profissional. O sofrimento subjetivo — marcado por sentimentos de inadequação, esgotamento e solidão — é acompanhado de prejuízos concretos, como rupturas nas relações, exclusão social e dificuldades de adaptação no ambiente de trabalho. Apesar disso, a chegada do diagnóstico, ainda que tardia, representa um marco de autocompreensão, possibilitando o desenvolvimento de uma identidade mais autêntica e o início de processos de ressignificação pessoal e social.

Assim, pode-se afirmar que as hipóteses formuladas no início deste trabalho foram confirmadas, uma vez que os estudos analisados evidenciam um padrão consistente de sofrimento e exclusão associados à falta de reconhecimento precoce do TEA em mulheres, além de indicarem melhorias significativas após o diagnóstico e o acesso a estratégias de apoio psicológico e social.

Com base nessas constatações, esta pesquisa apresenta recomendações práticas para o enfrentamento do problema identificado:

- (1) a revisão dos instrumentos diagnósticos, incorporando critérios que considerem as especificidades de gênero e os fenótipos sutis do autismo feminino;
- (2) a capacitação contínua de profissionais da saúde, educação e assistência social, voltada à diversidade neurobiológica e à equidade de gênero;
- (3) o incentivo à produção científica interdisciplinar sobre o autismo em mulheres, integrando perspectivas clínicas, sociológicas e educacionais; e
- (4) o investimento em abordagens terapêuticas humanizadas, que promovam a autoestima, a aceitação e o fortalecimento identitário das mulheres autistas.

Em síntese, a pesquisa respondeu de maneira efetiva ao problema proposto, ampliando a compreensão sobre os efeitos do diagnóstico tardio do TEA em mulheres e confirmando as hipóteses iniciais quanto à existência de vieses de gênero e seus impactos psicossociais. Além disso, oferece contribuições práticas e teóricas que apontam para a necessidade de uma transformação no modo de



compreender e diagnosticar o autismo, com base em uma perspectiva mais sensível, inclusiva e interseccional, que reconheça as mulheres autistas como sujeitos de direito, com trajetórias singulares e legítimas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos conceder sabedoria, força e serenidade para superar cada desafio ao longo desta trajetória acadêmica. Foi Sua presença constante que nos guiou e sustentou até a conclusão desta importante etapa de nossas vidas.

Às nossas famílias, pelo amor incondicional, compreensão e apoio em todos os momentos. A paciência e o incentivo de vocês foram fundamentais para que seguíssemos firmes, mesmo diante das dificuldades.

À AFYA Faculdade Porto Nacional, especialmente ao Curso de Enfermagem, por proporcionar uma formação sólida e humanizada, que nos inspirou a compreender a Enfermagem não apenas como uma profissão, mas como um compromisso com o cuidado, a empatia e a ciência.

À nossa orientadora, Kiria Vaz da silva Hamerski, expressamos nossa profunda gratidão pela orientação cuidadosa, dedicação, paciência e incentivo constante. Sua competência, sensibilidade e generosidade intelectual foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho e para o nosso crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores do curso, por todas as trocas de experiências, aprendizados compartilhados e pela parceria construída ao longo desta caminhada.

Por fim, agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio, palavra de incentivo e demonstração de confiança foi essencial para que este sonho se tornasse realidade.



REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Ingrid. Autismo feminino: diagnóstico tardio e trabalho, desafios e possibilidades. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual Paulista, Repositório UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

FERNANDES, Letícia et al. Os impasses do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em mulheres: uma revisão integrativa. *Periodicorease*, 2025. Disponível em: <https://www.periodicorease.com>. Acesso em: 07 set. 2025.

MIRANDA, Érica Otoni Pereira; CHAGAS, Lisandra Fontes. Camuflagem social e diagnóstico tardio de autismo em mulheres: uma revisão integrativa. *Periódicos UNIFESP*, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

RITZMANN DE LIMA, Amanda et al. Autismo: impactos clínicos e diagnóstico tardio em mulheres. *Seven Publicações*, 2024. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

ROSA, Nathalia Aline Lemos da. Mulheres autistas e diagnóstico tardio: juventudes e subdiagnóstico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Porto Alegre: SEER UFRGS, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

SCALCON, Samara; CORDEIRO, Lívia Farias; MARCOLINO GALLI, Amanda. Transtorno do Espectro Autista: relato de mulheres que vivenciaram um diagnóstico tardio. *Revista PUC-SP*, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

SOARES, Rafaela et al. Revisão de escopo: as implicações do diagnóstico tardio do TEA em mulheres. *Periódicos UNIFESP*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br>. Acesso em: 07 set. 2025.

TEIXEIRA, Ana Paula da Silva. Impactos do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista em mulheres. Brasília: UniCEUB, 2023. Disponível em: <https://www.jornalistainclusivo.com>. Acesso em: 07 set. 2025.

CRUZ, M. A.; ZUBIZARRETA, M.; COSTA, P. L. Is there a bias towards males in the diagnosis of autism? A systematic review and meta-analysis. *Neuropsychology Review*, v. 34, n. 1, p. 59–83, 2025.

GIRALDI, B. M. Psicodrama bipessoal como estratégia de ressignificação identitária em mulheres com diagnóstico tardio de autismo. 2025. SciELO Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 10 set. 2025.

KIM, H.; LEE, S.; PARK, J. Gender differences in misdiagnosis and delayed diagnosis among adults with autism spectrum disorder without intellectual disability. *Brain Sciences*, v. 11, n. 7, p. 912, 2023.

LIN, A. et al. Experiences of females with late diagnosis of autism: descriptive qualitative study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov>. Acesso em: 21 set. 2025